

O MAPA MENTAL COMO METODOLOGIA DE REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DAS EXPRESSÕES DAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS NA CIDADE DE GOIÂNIA-GO

Gabriella Goulart Silva

Professora de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso
Mestranda em Geografia pelo Instituto de Estudos sócioambientais da Universidade Federal de Goiás
gabinodlle@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo é resultado de uma atividade de campo realizada no centro da capital do estado de Goiás, a cidade de Goiânia, que teve como uma das finalidades a observação dos fenômenos espaciais urbanos, para que posteriormente fosse desenvolvida uma representação cartográfica, que materializasse esses fenômenos observados durante o trajeto percorrido. Nesse caso o fenômeno observado remete às marcas das manifestações sociais e culturais no centro da cidade de Goiânia. Dessa forma, há uma discussão sobre como e onde essas manifestações surgem e desaparecem na paisagem do centro da capital, analisando quais fatores sociais, culturais e econômicos que fazem parte da dinâmica cotidiana das cidades interferem nas produções que expressam os diferentes espaços. Com o propósito de fundamentar a análise desse fenômeno, a metodologia desenvolvida foi a elaboração de um mapa mental que se trata de uma representação gráfica de próprio punho. Parte-se da premissa de que esse tipo de mapa se revela como um instrumento metodológico de análise de representações espaciais a partir das percepções individuais, e isso contribui para o desenvolvimento crítico e espacial do indivíduo que o produz.

Palavras-chave: Mapa Mental; Cidades; Pensamento Geográfico; Cotidiano

THE MIND MAP AS A REPRESENTATION OF THE BRANDS METHODOLOGY OF SOCIAL AND CULTURAL EVENTS IN THE CITY OF GOIÂNIA-GO

ABSTRACT: This article is the result of a field activity held in the Centre of the capital of the State of Goiás, Goiânia city, one of the purposes of urban spatial phenomena observation, so that later were developed a representation Cartographic that actually materialized these phenomena

observed during the path traveled. In this case the phenomenon observed was the brand of social and cultural events in the city of Goiânia. Thus, there is a discussion about how and where these manifestations appear and disappear in the landscape of the Centre of the capital, analyzing which social, cultural and economic factors that are part of the daily dynamics of cities, interfere in these productions mark the different spaces. In order to substantiate the analysis of this phenomenon, the methodology developed was the drafting of a mind map is a graphical representation of his own hand. Discussing the premise of this map proves to be a methodological instrument of analysis and representation of space, from individual perceptions, thus contributing to the critical development of the individual who produces.

Keywords: Mind Map; Cities; Geographic Thought; Daily life

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar como as expressões das manifestações culturais e sociais de uma cidade estão inseridas na dinâmica do seu cotidiano. O estudo sobre cidades deve levar em consideração a experiência cotidiana dos indivíduos, as diferentes formas de usar o mesmo espaço entre vários outros elementos, como argumenta Arrais (2017. p.106) que é possível identificar, na história das cidades, uma correlação entre a forma urbana, as concepções predominantes na sociedade acerca de produzir e consumir, e o cotidiano.

As manifestações sociais são ações públicas, tipicamente urbanas, que acontecem preferencialmente em espaços públicos, algumas delas atingindo o coração da cidade, e não raro, convergindo para alguma praça central, escolhida por um movimento como espaço propício para as manifestações (MAGALHÃES, 2013. p.9), portanto, analisar quais são os lugares dessas manifestações e como são marcados por elas, é um processo de reconhecimento, investigação e análise.

Dentro da produção geográfica, analisar os fenômenos espaciais e como eles se interagem, é produzir conhecimentos que permitem compreender a complexidade e dilemas do mundo. Representá-los cartograficamente, conseqüentemente, é uma forma de se apropriar de uma linguagem dentro da Ciência Geográfica que possa desvendar aspectos mais sociais das cidades e de seus habitantes.

Diante da inquietação de como as manifestações sociais marcam os diferentes espaços, e de como esse fato pode ser investigado e discutido, uma representação espacial foi desenvolvida para que esse objetivo fosse alcançado, e também analisada quanto ao seu caráter metodológico.

Para tanto, a estrutura desse artigo se constituiu em dois tópicos: o primeiro ressaltando o cotidiano das cidades e as representações sociais e culturais, em que discutiu-se como a dinâmica da cidade interfere na produção das marcas das manifestações, e o segundo tópico tecendo o mapa mental e a identificação e análise das marcas das manifestações, cujo objetivo foi analisar a partir da apresentação do mapa mental como as expressões estão distribuídas na lógica da cidade e também na própria metodologia desse tipo de representação espacial. Foi por meio dessas premissas que esse trabalho foi elaborado, que intentou-se construir uma articulação com a realidade investigada na cidade de Goiânia dialogando com teorias e metodologias acerca das linguagens geográficas, especialmente no que tange às representações espaciais.

2 O COTIDIANO DA CIDADE E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

Olhar para as cidades é um exercício diário de todos que a vivenciam de alguma forma. Em cada cenário da cidade é possível explorar os elementos que revelam a configuração daquele espaço. Sendo assim, para que tais elementos sejam entendidos e até mesmo desvendados necessita-se analisar o cotidiano urbano.

No cotidiano das cidades estão inseridos os elementos móveis como as pessoas e suas atividades e as partes físicas estacionárias (LYNCH, p.2, 1997). Em outras palavras, em decorrência do modo de produção capitalista e a ascensão no meio técnico-científico-informacional, tais elementos são entendidos como fixos, formas e fluxos no olhar de Santos (1985), e a relação entre eles não é meramente uma consequência do movimento diário de uma cidade, mas sim das relações que se constroem a partir de um processo embasado em uma estrutura política e econômica, realizadas pelos diferentes indivíduos que atuam no espaço urbano.

A respeito desse cotidiano e da importância de sua interpretação para o entendimento de como os diferentes espaços se configuram, Arrais (2017, p. 105) em seu livro “*Seis modos de ver a cidade*”, argumenta que:

O cotidiano pode ser interpretado como uma síntese particular e geral da cidade. Particular porque cada indivíduo constrói uma relação com os fragmentos da cidade – praças, parques, ruas, cruzamentos, monumentos etc. Geral porque é no cotidiano que construímos, ao mesmo tempo, uma imagem geral dessa mesma cidade, e a partir dela, reproduzimos nossa vida. Evitamos essa rua, aquele bairro ou preferimos o caminho de volta para casa que circule um bosque, mesmo que seja mais longo. O cotidiano revela-se nas formas de morar e trabalhar e, por consequência, nas maneiras de apropriação dos espaços públicos e privados. É a dimensão completa da reprodução da vida, trazida na relação dos indivíduos com o tempo e o espaço.

Dessa forma, a interpretação do cotidiano das cidades deve levar em consideração a forma como são usados os espaços privados, públicos, as ruas, as calçadas e os diferentes cidadãos que ali se encontram por finalidades distintas. Percebe-se, no entanto, que além de uma visão estruturalista e objetiva do espaço urbano, existe também uma abordagem subjetiva, que leva em consideração as expressões desencadeadas pela população que vive e produz o espaço de uma cidade.

Nesse sentido basta lembrar da abordagem subjetiva que Henri Lefebvre apud (Carlos, 2007) tem acerca da rua: de acordo com o autor, a rua de uma cidade é o microscópio da vida moderna, pois, tudo aquilo que se esconde, ela arranca da obscuridade e a torna público. As representações espaciais, pautando por uma abordagem subjetiva, remetem-se às expressões de determinados grupos de indivíduos de uma cidade, que possibilita o estudo da mesma, sendo que, muitas vezes, tais expressões, arrancam da obscuridade determinados problemas de ordem social. As expressões de uma manifestação, por exemplo, são vivas e denotam certas contrariedades, felicidades ou possibilidades de uma cidade, e essas marcas são facilmente visualizadas ao transitar pelas ruas.

Dentro dessa perspectiva, alguns recortes temáticos podem ser caracterizados para a compreensão dessa dinâmica. Segundo Arrais (2017, p. 106), o cotidiano tornou-se uma espécie de depositário das aspirações de mudança social, e alguns pontos são importantes para a compreensão do mesmo, sendo um deles “como o cotidiano poderia unificar um projeto de transformação social”, estimulando a discussão aqui apresentada.

A partir dos usos que fazemos dos espaços da cidade, pode-se entender como a dinâmica do cotidiano acontece. A interpretação de elementos como os horários de funcionamento do comércio, dos órgãos públicos, as ruas com maior fluxo de carros, os pontos de ônibus, as áreas residências e as comerciais, os bosques e parques etc, e de como os indivíduos fazem uso desses espaços, nos dá condições de entender a cidade como produto de diferentes construtores. Sendo a cidade um produto da ação dos indivíduos, o cotidiano se torna também o espaço dos conflitos coletivos e individuais, das manifestações, das representações sociais e culturais, o que nos faz voltar ao questionamento do cotidiano como possibilidade de transformação social.

As manifestações sociais e culturais urbanas têm ganhado diferentes segmentos e formas de marcarem os espaços da cidade, demonstrando as características da complexidade da vida urbana. Ainda segundo Arrais (2017, p.111) a paisagem urbana é histórica, mas também espetáculo para um cotidiano cada vez mais programado e complexo. E sobre essa complexidade, Cavalcanti (2008, p.148) considera que:

A cidade, assim, é uma expressão da complexidade e da diversidade da experiência humana. As cidades, em suas várias configurações, são arranjos produzidos para que seus habitantes – diferentes grupos, diferentes culturas, diferentes condições sociais – possam praticar a vida em comum, compartilhando, nesses arranjos, desejos, necessidades, problemas cotidianos. Elas se formam na e pela diversidade dos grupos que nelas vivem. Elas são os espaços da vida coletiva, pública. São em si mesmas, um espaço público.

Logo, a cidade carrega em si a coexistência de diversos interesses humanos, em uma relação mútua entre cidade e cidadãos, e no que diz respeito ao fenômeno aqui em questão, entender o onde, o quando e o porquê dessas expressões culturais e sociais nos espaços da cidade, é compreender um pouco dessa complexidade e da diversidade dos lugares da cidade e de seus grupos. E para tanto é preciso identificar e analisar alguns pontos como: onde estão as marcas dessas manifestações sociais e culturais na cidade? Porque elas ali estão? Quem as fez e por que a fez?

3 O MAPA MENTAL – IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS MARCAS DAS MANIFESTAÇÕES

Discussões que permeiam o poder da Linguagem Cartográfica no entendimento dos diferentes espaços e na relação com os indivíduos, nos têm feito pensar em maneiras menos tecnocratas de apropriação dessa linguagem. A Cartografia representa uma linguagem de importância singular dentro da Ciência Geográfica, porém, ela não deve se bastar somente nos rigores da técnica, visto que, um saber socialmente construído deve proporcionar meios para que os cidadãos produtores do espaço vivido, possam se sentir capazes de representar as diversas formas de ver um mesmo lugar. Segundo Kozel (2005, p. 140):

Cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e conseqüentemente uma visão muito particular dos lugares e territórios. [...] As pessoas constroem o sentido de espaço, não somente pela atividade consciente do pensamento teórico, mas sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço que passa a ser expresso. Ao criar as formas do mundo, estabelecem sentidos que expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, amado ou rejeitado.

Dessa forma, representar a cidade através das imagens mentais construídas pelas trajetórias do cotidiano é partir da percepção, mas não de uma percepção do imaginário e sim do mundo real. Partindo da importância dos mapas como instrumentos para aprender a ler e decifrar territórios (SEEMANN, 2003, p.59) os mapas mentais se constituem como uma representação da percepção do real onde os comportamentos sociais em relação aos espaços são mais consideráveis do que as técnicas por si só aplicadas.

Todavia, fica claro que a intenção não é deixar de considerar as propostas mais clássicas da linguagem cartográfica, mas sim, incluir novas práticas nas formas de representação, ao passo que é necessário reconhecer o quanto é importante a existência de inúmeras interpretações do mundo, provindas do plano das experiências, das vivências, mas sempre fundamentadas nas leituras científicas (RICHTER, 2011).

Nesse sentido, os mapas mentais para Richter (2011, p.125):

[...] possibilitam a seu autor incluir elementos subjetivos que, na maioria das vezes, não estão presentes nos mapas tradicionais. Essa característica torna mais rica essa representação de próprio punho, por incluir contextos que podem ampliar a compreensão do espaço.

Partindo do exposto, o objetivo desse trabalho é entender geograficamente como as marcas das manifestações sociais e culturais aparecem nas cidades. Identificá-las dentro do recorte espacial analisado foi o primeiro passo para, posteriormente, representá-las e correlacioná-las com a dinâmica observada. Por fim, produziu-se uma discussão a cerca dos questionamentos levantados.

Para tanto, nesse caso foi utilizada a linguagem cartográfica como forma de representação, mais precisamente dentro da perspectiva teórico-metodológica da Cartografia Social, através da metodologia dos mapas mentais, pois, sendo a cidade um espaço produzido, por que não pensar e produzir uma representação desse espaço, mais próxima da sua realidade?

Nesse aspecto, Seemann (2003, p.58) ressalta que:

Trabalhar com mapas desse gênero não significa a substituição dos mapas convencionais [...] “Cartografia da Realidade” não representa uma mera forma de comunicação não-verbal, um ato individual irracional ou um passatempo mental, mas exerce um papel fundamental na formação dos cidadãos e leitores críticos do espaço e das suas representações [...]

Nesse sentido, o recorte espacial foi o Centro da cidade Goiânia - GO, entre a Praça Cívica e o Bosque dos Buritis. Foram percorridos trechos das avenidas Goiás e Anhanguera, e a Alameda dos Buritis. Alguns pontos foram identificados, representados e marcados com números no mapa mental, para que haja uma melhor identificação de elementos e análise dos fenômenos.



Figura 1 – Mapa Mental das marcas das manifestações sociais e culturais do centro da cidade de Goiânia – GO – 2017

Elaboração: Gabriella Goulart

Segundo Kozel (2005, p.135) os mapas sempre se constituíram a partir da percepção e representação das imagens mentais, a partir daí, necessitou-se buscar os significados dos elementos encontrados nesse trajeto apresentado no mapa. Deste modo, no mapa mental da Figura 1, está representado o trajeto entre a Praça Cívica até o Bosque dos Buritis, onde pode

identificar as diferentes marcas deixadas pelos movimentos sociais e culturais que acontecem nessa área central de Goiânia.

No ponto sinalizado com o número 1, exatamente na Praça Cívica, iniciou-se o percurso, se caracteriza como um espaço público e lugar de encontro das manifestações. A leitura de uma cidade por meio de suas manifestações é abordada por Lanna Cavalcanti. De acordo com a autora:

[...] A cidade pode também ser lida e compreendida por meio de seus lugares de manifestações de identidades e de resistência, particularmente a que acontece em lugares públicos. São as ruas, as praças e os parques os lugares mais democráticos do ponto de vista do acesso de todos os habitantes: são lugares propícios às manifestações (de identidade e resistência), tanto individuais – caso dos habitantes das ruas da cidade (mendigos, bêbados) – como coletivas – caso dos pequenos grupos, com suas formas de expressar suas diferenças (são exemplos os territórios de gangues, de crianças de rua, de comércio informal ou camelôs). Esses lugares são espaços também para expressões de posições ou reivindicações (caso dos grupos de categorias profissionais em greve, que se aglomeram e se manifestam pelas ruas, ou caso dos grupos culturais que se reúnem nas ruas para organizar festas populares) [...] (2008, p.95)

Logo, as expressões mais evidentes e percebidas foram os cartazes com cunho político com reivindicações quanto a aposentadoria, a educação, aos direitos trabalhistas, em defesa de grupos minoritários como os quilombolas além de pichações com símbolos do Anarquismo. A maioria desses cartazes estava fixado no Monumento das Três Raças erguido no centro da Praça Cívica, lugar com frequente movimentação e símbolo de poder. A praça pode ser vista e entendida como um território das expressões, uma vez que, segundo Raffestin (1993, p.58) o território é a cena do poder e o lugar de todas as relações, incluindo diversos interesses, sejam eles políticos, sociais, culturais e econômicos.

Diante disso, as manifestações da cidade de Goiânia sempre têm como ponto de encontro a Praça Cívica, portanto, um espaço de grande fluxo e visibilidade. Os movimentos cotidianos dos lugares revelam os interesses dos indivíduos que neles atuam, desse modo, os temas dos cartazes, os símbolos de resistência e das lutas sociais que são encontrados na Praça, fixados justamente em um monumento que representa poder, revela a luta de classes e as

contradições entre a produção do capital e a vida dos indivíduos. A esse respeito Cavalcanti (2014, p. 33) aponta que:

A compreensão dos modos de produzir os espaços, visíveis nas paisagens urbanas, requer a análise da sociedade e de seus processos mais gerais, destacando-se a divisão social e territorial do trabalho, o antagonismo entre classes de proprietários de capital e a classe de trabalhadores, a concentração de riqueza e a desigualdade e injustiças sociais. Por isso, compreende-se que nas cidades, no contexto específico do processo de produção e expansão das cidades brasileiras e latino-americana (e de outros países de capitalismo periférico), algumas marcas estão bastante presentes, são visualizadas e vividas em suas paisagens, em seus lugares e em seus territórios: a desigualdade social e espacial, a urbanização recente, a metropolização, a dispersão e a segregação socioespacial.

O teor dos cartazes fixados na Praça revela esse antagonismo entre as classes e demonstra as reivindicações de cada luta travada socialmente no contexto atual, o que se torna visível na paisagem urbana através das marcas sociais.

Seguindo o percurso, destacam-se OS pontos 2, 3 e 4, que estão na Av. Goiás onde o comércio e os prédios públicos dividem o mesmo espaço. Percebemos aí uma dualidade entre o público e o privado. Essa avenida é caracterizada por corredores do transporte público, lojas e ilhas com bancos e árvores. No ponto 2 se encontra um coreto, espaço público com a marcação de várias pichações em códigos e a presença de moradores em condição de rua.

O coreto é um espaço público e histórico do centro da metrópole goiana, e que com o passar dos anos ganhou novos significados e apropriações por determinados grupos, nesse sentido Matos (2010, p.21) coloca que:

Refira-se a este propósito, os espaços públicos do centro da cidade, herdados de outras épocas e tradicionalmente os mais significativos, os mais simbólicos, que vão perdendo o seu papel para vários segmentos da população, sobretudo os que residem mais longe destes centros, frequentando-os cada vez menos à noite e fins-de-semana. Mas, ao mesmo tempo, são reapropriados e partilhados por outros grupos diversificados, por um lado, os com estilo de vida mais cosmopolita e os turistas, devido ao valor patrimonial, simbólico e artístico deste espaço e por outro, pelos sem-abrigo, que aí encontram local para pernoitar.

Nesse caso, o coreto se tornou a morada de alguns indivíduos que se encontram em situação de rua. Eles se apropriaram desse espaço, que também tem códigos pichados, de maneira a considerá-lo um espaço seu, simbolizando em certa medida segurança e proteção, logo o concebendo como um território.



**Figura 2: Coreto da Avenida Goiás, Goiânia – GO.
Foto: arquivo pessoal (2017)**

Já no ponto 3 em destaque no mapa mental, estão os imóveis comerciais privados, onde estão estampados nas portas os grafites de um projeto municipal chamado “Galeria Noturna”, cujo intuito é de reduzir a violência noturna naquela avenida e incentivar as artes. Nota-se que para conter as pichações nos imóveis comerciais, os lojistas disponibilizam as portas dos seus imóveis para grafiteiros, para a criação de painéis artísticos, juntamente com a iniciativa municipal vislumbrando a diminuição das pichações e valorização do grafite.

Os cartazes e pichações dos pontos 4 e 5, que estão bem próximos a esses painéis artísticos, tem caráter social e político com temas sobre a luta das mulheres, movimentos grevistas e a resistência ao aumento do preço do transporte público. Nesse momento de análise, fica evidente que os autores das pichações e dos grafites não são os mesmos, uma vez que o grafite é reconhecido como arte e o ato de pichar é crime, cada um tem uma finalidade, e existe o lugar para o que é pichação e para o que é grafite:

Para o modo de produção capitalista que rege o mundo em que vivemos é bem conveniente que o grafite seja aceito e a pichação não, pois o grafite é altamente comerciável. A partir do momento em que o grafite foi reconhecido como arte ele adquiriu um valor comercial, já o pichador não tem interesse nenhum em vender seu trabalho o interesse do pichador é provocar sensações de incomodo. Atualmente a própria prefeitura de algumas grandes metrópoles convida pichadores e grafiteiros, mais conhecidos como artistas de rua para fazer intervenções nas cidades, criando assim outra forma desses pichadores serem inseridos em uma forma de arte mais aceita pela sociedade. (FERNANDES & BARBOSA, 2014, p. 383)

Nesses pontos da cidade, entre a Praça Cívica e durante toda a extensão da Avenida Goiás, como pode-se observar no mapa mental, percebemos uma forte presença das expressões das manifestações sociais, pois nessas avenidas o fluxo de pessoas é intenso, e o alvo das manifestações é buscar a dimensão da cidade e sair do contexto do privado, alcançar o maior número de pessoas possível. Fatores como o horário de funcionamento do comércio influencia diretamente na dinâmica desse espaço, as ruas são povoadas por diferentes indivíduos que habitam ou simplesmente passam pelos espaços públicos ali existentes. Sobre a rua, Arrais (2017, p.136) nos diz que:

Falar da rua é, sempre, falar dos tipos que a povoam, que ocupam durante as horas do dia da noite. A história da cidade pode ser contada a partir da polifuncionalidade da rua [...] a cidade é o espelho da sociedade, assim como a rua é espelho da cidade.

De forma que as marcas deixadas pelas manifestações no centro da cidade é um espelho do que os cidadãos querem mobilizar ou expressar. Entender onde essas marcas são mais e menos evidentes, bem como identificar quem são seus autores, nos revela que a dinâmica das cidades

segue uma lógica cotidiana de uso dos espaços, e ficam perceptíveis suas múltiplas funcionalidades. Nas palavras de Cavalcanti (2008, p. 107):

Na verdade, por trás desse caos aparente existe uma organização, uma estrutura do espaço urbano que faz com que se mantenha a ordem; sua lógica se relaciona com a própria lógica de funcionamento da sociedade que o espaço urbano expressa e abriga. Sendo assim, pode-se falar em uma estrutura mais ou menos padrão, que vai se configurando de acordo com a lógica contraditória dos movimentos da sociedade, de sua dinâmica [...]

Logo, percebe-se que na lógica das manifestações das pichações e dos cartazes se manterem com maior intensidade nesse percurso, se dá devido à dinâmica de funcionamento daquele espaço urbano, demonstrando que dentro de um caos aparente, entre buzinas, ruas, carros, ônibus, pedestres, vendedores, existe uma organização com objetivos definidos por parte dessas manifestações culturais e sociais o de incomodar, informar, deixar marcas, de fazer pensar, de expor e denunciar.

Observando como e onde essas marcas são mais acentuadas, a partir dos pontos 6 e 7, a intensidade delas já diminui quase que por completo, pois se trata de um espaço com uma funcionalidade totalmente privada, onde os imóveis públicos já não se fazem tão presentes.

Painéis móveis que podem ser colocados e retirados sem danificar os imóveis foram encontrados no ponto sete, onde pessoas difundiam a “Cultura Racional” com distribuição de livros e a exposição de painéis informativos. Outro ponto que nos chama atenção como expressão cultural nesse estágio do percurso é o Beco da Codorna, situado em uma viela quase imperceptível em uma das principais avenidas da cidade. Um espaço ressignificado que antes era habitado por moradores de rua, hoje é um espaço cultural da Associação dos Grafiteiros de Goiás, onde todas as suas paredes são tomadas por desenhos que expressam diferentes vieses culturais.



Figura 3 – Beco da Codorna na Avenida Anhanguera cidade de Goiânia – GO
Foto: arquivo pessoal

Nesse sentido, Arrais (2017, p.138) assevera que as mutações na rua, na forma e nos modos de ocupação pelos diferentes grupos sociais são correlatas às mutações nas formas de expor os corpos nas cidades. A exposição expressa prestígio social e necessidade de adequação à moda. No caso do Beco vemos um espaço que antes era ocupado por um grupo de moradores de rua, passar por uma mutação conforme a necessidade de adequação as diferentes ocupações e usos dos espaços.

No ponto 8 do mapa mental, é possível observar percebemos um vazio das expressões das manifestações, isso porque esse espaço representado é caracterizado por bairros residenciais, cuja funcionalidade e a dinâmica têm uma programação diferente dos anteriores, que estão intensamente marcados pelas manifestações sociais. As pichações e cartazes já não se fazem presentes, pois os usuários dessas áreas já não são os mesmos que ocupam os pontos anteriores. Uma vez que, o bairro não tem a mesma função das avenidas, o bosque também não tem a mesma finalidade que a Praça Cívica, logo, a dinâmica espacial dessa região obedecerá outra lógica, a lógica de um bairro residencial, que prioriza a segurança e o silêncio. Nesse caso, que a visibilidade dos cartazes não seria tão intensa e as pichações já não se fazem constantes por conta dos imóveis privados.

Outra percepção a se destacar, é que a distância entre os pontos de maior e menor fluxo das expressões deixadas pelas manifestações é curta, ou seja, o cenário muda radicalmente em espaços bem próximos, mas com uma configuração muito distinta.

Portanto, diante da produção do mapa mental, percebemos que representar a cidade é um convite inicial para pensar o espaço e suas produções, desenvolver e praticar o raciocínio geográfico. A esse respeito, a discussão feita acima sobre os diferentes pontos do mapa mental nos mostra que a sua produção possibilita a construção de um saber, que passa da percepção para a representação e análise.

No âmbito do ensino de Geografia e da Cartografia Escolar, é de suma importância perceber que a produção de mapas mais subjetivos, como o mapa mental, possibilita o aluno fazer a conexão entre a realidade e as questões discutidas em sala de aula, materializando esse conhecimento produzido a partir de uma produção cartográfica. Esse tipo de metodologia, que utiliza uma linguagem cartográfica menos tecnocrata, pode ser um caminho para o desenvolvimento da capacidade de reconhecer uma série de tributos que fazem parte do espaço geográfico, os interpretando e analisando a luz dos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, além de buscar a compreensão da dinâmica dos espaços, que podem ser os do cotidiano do indivíduo até os que estão em uma categoria macro.

No mapa mental sobre as marcas das manifestações sociais e culturais no centro de Goiânia aqui apresentado e analisado, é possível ver que a cartografia é uma linguagem a partir da qual se comunicam fatos e é uma linguagem iconográfica de comunicação que permite ler e escrever as características de um determinado território (Castellar, 2011, p. 133).

Para produzir o mapa mental das marcas das manifestações culturais e sociais da cidade Goiânia, inicialmente foi preciso um reconhecimento investigativo do espaço em questão. Observações dos movimentos, das pessoas que frequentam, das cores, dos fixos e dos fluxos, ou seja, da dinâmica aparente, se faz necessária para que seja possível problematizar as práticas sociais expressas naquele espaço, e o mapa mental revela-se o que foi detectado, observado, investigado e compreendido. Ao materializar esses elementos e fenômenos desvenda-se a trama urbana, por meio da produção de um pensamento geográfico, que ultrapassa os limites do senso comum.

Uma vez que, esse tipo de conhecimento, é a capacidade intelectual do indivíduo em interpretar os elementos e fenômenos que compõem e que interferem na produção do mundo a partir da ótica espacial (Richter, 2010, p.99).

Portanto, a importância desse tipo de metodologia de análise do espaço urbano se dá pelo desenvolvimento da capacidade do sujeito de criar e interpretar o espaço geográfico atrelado não apenas por abordagens descritivas e objetivas, mas também pela subjetividade e pela territorialidade, tão discutida e debatida atualmente no âmbito da Geografia acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos diferentes espaços das cidades tem sido um assunto de grande importância no ensino de Geografia, porque além de fazer parte dos conteúdos, se torna indispensável na formação do indivíduo. Pois, entender como os elementos da paisagem urbana compõem a dinâmica da cidade nos capacita uma vivência com esse espaço de uma forma mais consciente, crítica e problematizadora.

Para identificar, interpretar e representar esses espaços e suas dinâmicas é preciso observação, investigação e uma possibilidade real para iniciar sua representação, portanto, através do mapa mental aqui apresentado e da análise feita sobre os fenômenos nele representados, percebe-se que uma linguagem cartográfica mais próxima do real vivido nos auxilia também no desenvolvimento do pensamento geográfico, uma vez que possibilita uma articulação entre a espacialidade e o porquê dos fenômenos urbanos.

Essa capacidade de leitura da espacialidade dos fenômenos geográficos, interpretando como os elementos espaciais interferem na produção da sociedade, deve se tornar uma prática do olhar dos indivíduos, ao passo que, cotidianamente, somos parte desses elementos, e nossas ações é que dão sentido às funcionalidades da cidade, caracterizando seus espaços, suas formas e as suas transformações.

Pela linguagem cartográfica do mapa mental aqui apresentado, nota-se que o trajeto escolhido para ser o recorte espacial analisado traz elementos que caracterizam sua funcionalidade, a exemplo, das lojas, do corredor do transporte público, da praça, dos pontos de ônibus e outros, são elementos que tornam aquelas imediações mais propícias ao aparecimento de

pichações, cartazes e moradores em condição de rua. Isso porque existe um fluxo maior de pessoas em circulação, como transeuntes e os que convivem diariamente com aquele lugar.

Já os espaços residenciais, onde a paisagem muda drasticamente quanto à diminuição dos sons, do fluxo de carros e pessoas, não há intensidade de pichações, grafites e cartazes, porém ainda aparecem alguns painéis e faixas, que podem ser retirados facilmente. Isso se dá em função da finalidade desse bairro, um lugar onde há o predomínio de casas, onde se presa pela segurança através da inacessibilidade entre muros altos, pela tranquilidade das ruas.

Não existe uma circulação intensa de pessoas, pois os corredores dos ônibus já não se fazem presentes ali. O bosque que se encontra nessa área residencial não tem a mesma funcionalidade da praça que está em um dos centros comerciais da cidade. Esses fatos são diariamente vividos por nós em diferentes cidades, e cada uma delas traz fenômenos distintos conforme suas características. Representar esses elementos a partir de fenômenos pode ser uma maneira de desenvolvermos nossa capacidade de análise do que vivemos e produzimos espacialmente e socialmente.

Dessa forma, trabalhar com a linguagem cartográfica social, através dos mapas mentais, para representar as nossas observações sobre um trajeto diário, sobre a cidade, ou sobre o bairro que seja, é uma metodologia que possibilita o autor incluir elementos subjetivos que, na maioria das vezes, não são contemplados por um mapa mais clássico (RICHTER, 2011, p.125).

A flexibilização que esse tipo de representação cartográfica permite, deu-se a possibilidade de reproduzir os movimentos diários da cidade de Goiânia através das marcas das manifestações culturais e sociais, que foram detectadas durante um percurso realizado diariamente por muitos cidadãos. Toda essa observação e análise proporcionam um olhar mais geográfico e eleva o nível de compreensão espacial, saindo de uma visão elementar para uma análise mais crítica e social do espaço.

Desse modo, através da observação do espaço urbano de Goiânia, dos registros de imagens feitos durante o trajeto, das leituras, da produção do mapa mental e das discussões feitas a cerca dos pontos apresentados, observa-se que a cidade é produto das ações cotidianas das pessoas, que não é somente um conjunto de objetos, em que seus movimentos são orientados por uma lógica, muitas vezes vista como um caos. Para analisar seus fenômenos é preciso um olhar investigativo, e que pode ser representado de uma maneira menos dogmática, porém, exigindo

mais consciência, criatividade, ousadia, coragem e, sobretudo, uma postura mais humana (Seemann, 2003), possibilita uma aproximação mais eficaz e direta no desenvolvimento da linguagem cartográfica e da produção de mapas.

Por fim, a intenção da abordagem dos mapas mentais como metodologia de análise do espaço geográfico, não é destituir a importância das representações cartesianas, mas sim, a de trazer outras leituras e possibilidades de produções cartográficas que valorizem diferentes saberes e olhares. E que práticas de desvalorização do mapa, como cópia fiel e sem propósito, possam ser substituídas por metodologias mais significativas no ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Tadeu Alencar. **Seis modos de ver a cidade**. Goiânia: Canône Editorial, 2017. 174 p.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CASTELLAR, S. M. VANZELLA. **A Cartografia e a Construção do conhecimento em contexto escolar**. In: Almeida, Rosângela Doin de. (Org.). *Novos Rumos da Cartografia Escolar Currículo, linguagens e tecnologia*. 1ed.São Paulo: Contexto, 2011, v. 1, p. 121-136.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A metrópole no ensino de Geografia: o que/ para que/ quem ensinar. In: Paula, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; SOUZA, Vanilton Camilo. **Ensino de geografia e metrópole**. 1. Ed. Goiânia, GO, América, 2014.
- FERNANDES, Larissa Dutra, BARBOSA, João Guilherme Machado. **Pichação como manifestação cultural: arte ou vandalismo**. In: Anais do I Simpósio Mineiro de Geografia, Universidade Federal de Alfenas – MG de 26 a 30 de maio de 2014. p. 381-384.
- KOZEL, Salette. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. In: LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 01-15.
- MAGALHÃES, Fabiano Rosa de. **As manifestações no espaço público: a rua como lugar da expressão política**. Pelotas: Pensamento Plural, 2013. p. 7-35.
- MATOS, Fátima Loureiro. **Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades – o caso da cidade Porto**. Revista eletrônica de Geografia, n.4, v.2, p. 17-33, jul 2010. Disponível in:

<http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/2edicao/n4/Espacos_publicos.pdf> Acesso: 24 de abril de 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma geografia do Poder**. Trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ática. 1993.

RICHTER, Denis. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções propostas para o trabalho docente**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SEEMANN, Jörn. **A aventura cartográfica**: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. p. 131-149.

SEEMANN, Jorn. Mapas, mapeamentos e a Cartografia da realidade. In: **Revista Geografares**, n. 04, 2003. p. 49-60.

Enviado em 30/03/2019

Aceito em 07/06/2019